

JOÃO HENRIQUE ZANELATTO

Introdução:

O final dos anos de 1920 e início de 1930 foi marcado pela a ascensão e consolidação dos regimes totalitários europeus – nazismo alemão e o fascismo italiano. Esses regimes exerceram significativa influência na vida sóciopolítico brasileira e em especial em Santa Catarina. Além da criação de núcleos e partidos nazi-fascistas no Brasil e em Santa Catarina, influenciaram na criação da Ação Integralista Brasileira por Plínio Salgado em 1932 e na forma de direção da nação durante o período em que Getúlio Vargas esteve no poder (1930 – 1945).

Em Santa Catarina, um dos canais para a difusão das ideias e a crescente popularidade dos fascismos europeus e do integralismo foi através da imprensa. Na imprensa pode-se evidenciar sua ligação com o mundo da política: nela pode-se mapear sua significativa participação no processo de constituição e ampliação de uma esfera pública; tem papel decisivo na formação da opinião pública e divulgação das opiniões políticas; é um canal de mobilização política que atua na convocação, no engajamento, na confrontação de ideias, e na coesão de grupo; é decisiva nos processos históricos de edificação nacional e na construção das identidades culturais.

Assim, o texto busca fazer uma breve análise de como os fascismos europeus e o integralismo foram retratados pela imprensa catarinense na década de 1930, bem como, as mudanças que foram se processando na sua linha editorial, em especial a partir do golpe de 1937 que deu início ao Estado Novo. Pretende-se evidenciar o público leitor desta imprensa e como esta dava visibilidade para (projetos, ideias, valores, comportamentos...) de fascistas, nazistas e integralistas. Para este escrito foram analisados os jornais da capital – República, O Estado e Flama Verde.

¹ Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professor do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Socioeconômico da Universidade do Extremo Sul Catarinense/UNESC.

Santa Catarina e as relações com os países do Eixo e o Integralismo

Em Santa Catarina, ao longo dos anos de 1920 e na década de 1930 observa-se uma crescente popularidade dos fascismos europeus e da Ação Integralista Brasileira entre os catarinenses, não somente nas áreas onde estavam estabelecidos os imigrantes italianos e alemães e seus descendentes, mas também em várias regiões do estado com preponderância de populações luso-brasileiras.

A simpatia para com os fascismos europeus não se restringiu somente aos imigrantes e seus descendentes; há indícios muito fortes desta simpatia entre os luso-brasileiros. A crise da democracia liberal, os bons resultados que vinham alcançando os regimes totalitários e a oposição deste ao Comunismo, contribuíram para a popularidade dos fascismos entre luso-brasileiros. Pode-se dizer que grande parte da imprensa catarinense era simpática aos fascismos, ao menos até 1938 (ZANELATTO, 2012).

O fascismo italiano, que a fim de expandir suas fronteiras econômicas e culturais, buscou recuperar a antiga ideia de criar através da emigração outra Itália no exterior. Até o final da década de 1920, o regime fascista via no Brasil um terreno propício para o desenvolvimento de objetivos econômicos, culturais e também políticos. (BERTONHA, 2001: 61). A década de 20 foi o período mais fértil para as relações entre o Brasil e o regime fascista (CERVO, 1992: 89), mas no período ficaram restritas basicamente às questões da imigração e às atividades comerciais, ficando abaixo das pretensões fascistas.

Uma mudança na política externa fascista ocorreu na década de 30, o aprofundamento de sua tendência imperialista e totalitária. Essa mudança repercutirá diretamente na política e nos interesses do governo italiano no Brasil. (CERVO, 1992: 65). Essa nova fase da política externa fascista entrará em choque com as mudanças ocorridas no Brasil em decorrência do movimento de 30 que elevou Getúlio Vargas ao poder. “Nacionalismos em choque, eis o resultado que atingirá as relações nos anos 30”. (CERVO, 1992:114).

O renovado interesse do regime fascista pelo Brasil nos anos 30 deu-se em um contexto no qual as relações comerciais permaneciam incipientes, bem como, um acentuado processo de assimilação da colônia italiana, o que revela as pretensões imperialistas de Mussolini. Nas relações comerciais na década de 30, não foi criado

nenhum instrumento legal no sentido de “ampará-las ou ampliá-las; ao contrário, o choque dos nacionalismos criou obstáculos que se traduziram no Brasil por inúmeras ameaças e algumas leis restritivas à penetração dos empreendimentos estrangeiros”. (CERVO, 1992: 125). Conforme Zanelatto:

Mesmo sendo a colônia italiana uma das maiores, isso não se refletiu nas relações comerciais entre os dois países. Entre 1934 e 1938, as importações brasileiras foram sempre decrescentes e a Itália ocupava a posição nada importante: o décimo primeiro lugar entre os países que importavam produtos brasileiros e o décimo terceiro entre os compradores da produção catarinense. (ZANELATTO, 2012: 209)

A posição da Itália nas relações econômicas com o Brasil estava longe de ser relevante, mas até 1938 o governo fascista procurou ampliar essa influência econômica, e também política e cultural. Para atingir estes objetivos o governo fascista criou no Brasil os instrumentos de socialização fascistas, “os fasci all’estero, os Dolpolavoro e as casa d’Itália; na potencialização do serviço consular e na conquista dos tradicionais foros da vida da colônia, ou seja, as escolas, as associações e os jornais” (BERTONHA, 2001: 87).

Conforme o governo fascista em 1934 constava 75 fascio organizados em todo território nacional (BERTONHA, 2001: 89). Em Santa Catarina era registrada a presença de cinco fascio, sendo quatro deles estabelecidos no Sul Catarinense (Urussanga, Nova Veneza, Laguna e Meleiro) (TRENTO, 1989: 313).

No que tange as relações da Alemanha nazista com Brasil e com os imigrantes e seus descendentes pode-se perceber uma ambivalência.

Essa ambivalência transparece na documentação que trata da temática, como também na historiografia, e remete ao século XIX, quando da imigração. Se, por um lado, os imigrantes alemães foram bem vistos com o projeto de “branqueamento”, sua ética para o trabalho e contribuição para o desenvolvimento econômico, por outro, havia uma crescente insatisfação com a inserção sócio-político-econômico-cultural no contexto brasileiro, que se acentuara no pós-1930. (ZANELATTO, 2012:200).

É recorrente o discurso de uma suposta nazificação explicada no número significativo de descendentes de alemães estabelecidos no país, pois, dos 40 milhões de brasileiros, aproximadamente um milhão eram teuto-brasileiros. O período mais intenso da imigração alemã para o Brasil ocorreu entre o final da Primeira Guerra e 1933,



quando entraram em torno de 80.000 alemães (MAUCH. VASCONCELOS, 1994: 35). Com todo esse contingente de imigrantes e a ascensão econômica da Alemanha nazista, era de se pressupor que um número relativamente grande de imigrantes e descendentes ingressasse no partido. Contudo, essa assertiva não se confirmou, pois, no máximo 3.100 ingressaram no partido (GERTZ, 1987. ZANELATTO, 2012). Em relação à organização e à influência nazista em Santa Catarina, já na década de 20, eram realizadas as primeiras reuniões do partido nazista na cidade de Blumenau. (GERTZ, 1987. SEYFERTH, 1981. MAGALHÃES, 1998). Em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul havia entre 400 e 500 filiados ao Partido Nazista em um universo significativo de descendentes e onde estavam em torno de 25.000 imigrantes nascidos na Alemanha (GERTZ, 1987: 86). Esses partidários do Nazismo em Santa Catarina “constituíam um distinto grupo social urbano: mantinham ligações diretas com empresas e consulados alemães, dependendo deles para sua sustentação econômica dentro da colônia alemã” (PERAZZO, 1999: 65).

As relações entre Brasil e Alemanha eram bastante profícuas, e cresceram de modo considerável com a ascensão de Hitler. Em 1936 a Alemanha superava os Estados Unidos nas importações para o Brasil (SEITENFUS, 1985: 84) e as exportações catarinenses tinham os alemães como o seu segundo melhor comprador, só perdendo para a Argentina. (*Diário Oficial do Estado*, 16 de julho de 1936: 19.)

No que concerne ao integralismo, este começou a ser organizado no estado a partir de 1934 com forte presença nas áreas de imigração europeia. O integralismo organizou-se rapidamente nos municípios catarinenses com a criação de núcleos e subnúcleos. Em 1936 disputou as eleições municipais elegendo oito prefeitos e setenta e dois vereadores, vindo a se configurar em um curto espaço de tempo na segunda força política do no estado (GERTZ, 1987. FALCÃO, 2000. ZANELATTO, 2012).

Flama Verde: o discurso integralista na Capital

Flama Verde, era dirigido pelo chefe provincial Othon D’Eça e gerenciado por Arnaldo Suarez Cuneo e Celso M. Caldeira. Na análise das páginas de *Flama Verde* foi possível perceber três preocupações que permeavam do discurso do jornal: a) o anticomunismo, tema que de modo geral estava presente em todos os jornais integralistas; b) a produção de textos voltados ao operariado e aos sindicatos, dado que



sugere uma preocupação ou aproximação do discurso integralista para os trabalhadores; c) a produção de notícias evidenciando as várias regiões e cidades do estado; d) uma retórica que buscava também contemplar os imigrantes que estavam ou chegavam na região.

Assim, com a matéria intitulada “Da mensagem aos Catharinenses” Plínio Salgado fazia a abertura do Jornal *Flama Verde*, semanário, editado na Capital, entre 1936 e 1938.

Catharinenses!

O integralismo é o maior movimento da História desde a independência. Nunca se levantou com tamanho sentido de unidade nacional, tão profundo sentimento e tão elevado nível intelectual uma campanha como a nossa. Nunca se organizou uma corrente de opinião no país, de maneira tão nobre, sem apoio de governos, sem apoio de poderosos, tão somente com a força de um ideal! (Flama Verde, 12 de setembro de 1936).

Como exposto na citação, Plínio Salgado se referia ao Integralismo como o maior movimento da história do país, movimento de unidade nacional, alto nível intelectual, sem apoio de governos e do grande capital. Outras questões foram tratadas no texto de Salgado como, por exemplo, o domínio dos grandes estados sobre os pequenos “Durante quarenta anos os Estados pequenos não passaram de satélites dos grandes estados” (*Flama Verde*, 12 de setembro de 1936). Aqui o discurso de Salgado buscava contemplar os catarinenses, visto que, o estado neste contexto não tinha expressão nacional.

Na análise de *Flama Verde* pode-se perceber que esse procurava contemplar o Integralismo em âmbito estadual, pois as notícias veiculadas abrangiam as várias regiões do estado e seus municípios. Eram veiculadas notícias dos núcleos municipais e de suas atividades, a administração dos prefeitos e a atuação dos vereadores, a perseguição, prisão e morte de integralistas etc...

Enquanto Flama Verde tinha uma atuação estadualizada, os demais órgãos da imprensa integralista restringiam-se ao município em que foram criados, no máximo divulgavam o Integralismo da sua região e, esporadicamente, traziam alguma notícia de outras regiões. Uma explicação para isso talvez seja o fato de o jornal estar na Capital, concorrendo com um número muito expressivo de outros jornais que publicavam notícias das várias regiões do estado (Passagens, 2013: 292-293).

Outra característica a ser destacada de *Flama Verde* é a questão sindical, essa perpassou praticamente todas as suas edições. Havia uma seção sindical, nela eram publicados artigos destacando a situação do sindicalismo e dos operários. Os comunistas eram combatidos, pois haviam dominado as posições de mando nos sindicatos. O artigo “Decadência do Sindicalismo” explicava que os sindicatos estavam “servindo aos interesses de Moscou, era preciso reformá-lo” (*Flama Verde*, 12 de novembro de 1936). Em outro artigo, “Manifesto dos trabalhadores integralistas aos syndicalistas do Brasil”, abordava a realização da convenção trabalhista no Rio de Janeiro com a participação de trabalhadores de todo o país, evento no qual os integralistas catarinenses haviam participado com uma delegação. O manifesto apontava para a bandeira de luta pela unidade e autonomia sindical, contra o imperialismo financeiro, fiscalização e criação de leis trabalhistas, a decretação do salário mínimo, e campanhas visando o civismo e o patriotismo. “Queremos conclamar-vos para a grande campanha em favor do syndicalismo, em favor do prestígio e da eficiência do sindicato, ameaçado ora pela demagogia comunista, ora pela exploração da política” (*Flama Verde*, 26 de novembro de 1936).

Na seção sindical, além dos artigos e notas sobre o sindicalismo, divulgava também a concepção integralista sobre o trabalho, o papel dos trabalhadores na sociedade, críticas à política trabalhista etc... A grande quantidade de artigos e notas publicadas por *Flama Verde* sobre os sindicatos e os trabalhadores sugere uma preocupação dos dirigentes desse jornal com o operariado. Mesmo sendo o discurso integralista voltado, sobretudo para a classe média (TRINDADE, 1974. CHAUI. FRANCO, 1978) infere-se que *Flama Verde* com sua retórica sindical estava buscando adeptos entre os trabalhadores (DOTTA, 2003).

Em relação aos imigrantes Flama Verde divulgava a Resolução n. 178, no qual, Plínio Salgado se dirigia aos imigrantes radicados no Brasil, pois percebiam a crescente popularidade do Integralismo entre esses estrangeiros. Através da resolução (em seu primeiro artigo) a Ação Integralista Brasileira criava “o setor ‘Amigos do Brasil’ no qual poderão se inscrever estrangeiros de qualquer nacionalidade” (*Flama Verde*, outubro de 1936). O artigo segundo a resolução estabelecia critérios para a inscrição de estrangeiros no Sigma.



Estágio mínimo de 30 (trinta) dias, fazendo-se o registro no livro destinado a inscrição dos aspirantes a Integralistas anotando-se de maneira visível, a legenda setor Amigos do Brasil.

Juramento

Inscrição em ficha idêntica a dos integralistas, que será arquivada no fichário geral, tomará número provincial e municipal e será carimbada, em lugar visível, com a legenda: Setor amigos do Brasil (Flama Verde, outubro de 1936).

Por fim, o artigo terceiro estabelecia que todos os inscritos no - Setor Amigos do Brasil cabiam todos o direitos e deveres dos integralistas, “sendo-lhes porém vedado o exercício de cargos administrativos ao movimento” (*Flama Verde*, outubro de 1936), mas poderiam prestar serviços de auxiliares técnicos.

O Estado e a propaganda do fascismo italiano

O Estado, jornal diário, (o de maior longevidade de Santa Catarina fundado em 1915 e encerrado em 1989) ao logo da década de 1930 teve como diretor Altino Flores e gerente Adhemar Tolentino. Em suas páginas do período de 1934 a 1937 o jornal fez ampla divulgação e exaltação do fascismo italiano contribuindo para a popularidade desta ideologia na capital do estado.

Na capital, nas páginas de *O Estado*, Mussolini e a Nova Itália eram exaltados constantemente, a partir de 1934. Em outubro do mesmo ano, praticamente toda edição do jornal foi dedicada a Mussolini e à nova Itália, foram textos aprofundados com fotografias amplas. (*O Estado*, 28 de outubro de 1934) Em 1935, semanalmente eram publicados textos remetendo ao Fascismo. Além de exaltar com textos e imagens as viagens de Mussolini e seus discursos inflamados para a multidão (*O Estado*, 7 de Janeiro de 1935. *O Estado*, 5 de fevereiro de 35), abordava também guerra na África contra a Etiópia, que a Itália venceria rapidamente, bem como os tratados de comércio ítalo-brasileiro.

Em relação ao comércio Brasil-Itália o jornal *O Estado* com a matéria intitulada “Tratado Commercial Italo-brasileiro” destacava as cláusulas do acordo.

Ao que estamos informados, uma das mais importantes clausulas desse novo tratado é a que estabelece que as importâncias provenientes da compra pela Itália, de certos produtos brasileiros, passam a ser, eventualmente, retidas pelo instituto de câmbios ou pelo banco da Itália, para pagamento de encomendas feitas aquele país pelo governo brasileiro. Pensa-se com essa

modalidade facilitar a construção, em estaleiros italianos, de alguns submarinos e até de outros navios para a nossa esquadra, além da compra de material bélico. Já se encontra em poder do governo italiano uma lista de produtos que poderemos exportar em tais condições,... (O Estado, 30 de Janeiro de 1935. O Estado, 18 de março de 36).

No que tange a guerra empreendida pelos fascistas no continente africano o jornal *O Estado* publicava a matéria intitulada “A Itália vencerá rapidamente a guerra”. O texto explicava que a Itália venceria com facilidade o conflito, tendo como justificativa a fragilidade do inimigo e não uma “suposta superioridade” italiana.

Os observadores políticos opinam que a Itália vencerá rapidamente a guerra na África Oriental, porque a Ethiopia não pode suportar o peso de uma longa campanha e também, porque, entre outras coisas, o sentimento patriótico é desconhecido no império do Negus onde até agora não existe unidade no comando militar. Com efeito, as ordens do Negus devem ser consideradas como exortações e invocações religiosas antes do que verdadeiras ordens de um chefe de Estado (O Estado, 30 de Janeiro de 1935).

Ao longo do ano outras matérias sobre o conflito Italo-Ethiope foram publicadas, mas no ano seguinte o jornal *O Estado* publicava a matéria “O Ardor Combativo das Tropas Italianas” que ao mesmo tempo buscava desqualificar a resistência Ethiope e justificar a demora da vitória italiana. A explicação para a derrota do inimigo era colocada na natureza intransponível para a engenharia humana. E sobre a resistência explica: “O que mais espanta, nessa luta encarniçada, é a resistência dos abyssinios, mal articulados, mal organizados, mal preparados. Chega-se a suspeitar de que outrem os orienta. Do contrário esse amalgama de raças, povos, religiões, costumes todos diferentes e, por vezes, adversos, já se teria dissolvido.” (*O Estado*, 21 de fevereiro de 1936) E sobre as sanções recebidas pela Itália de países europeus no contexto da guerra no continente africano, o texto destacava “A superior homogeneidade do povo italiano, dirigido e estimulado por uma força ancestral, solidarizado num mesmo proposito de vitória, permite esse milagre de resistência.” (*O Estado*, 21 de fevereiro de 1936) Ainda no mesmo ano, Mussolini era reverenciado no jornal como o homem do momento, comparado a Napoleão, tendo lugar assegurado “na galeria dos vultos da humanidade” (*O Estado*, 4 de março de 1936).

A República: da retórica nazista ao discurso anti-integralista

Pode-se dizer que na década de 1930, o jornal *A República* (diário) experimentou três fases: na primeira o jornal era um órgão do Partido Republicano Catarinense – criado no início do século em 1900, vigorou até 1930. Com a ascensão de Vargas ao poder os partidos foram extintos e a *República* perdeu naquele momento seu sentido – o de ser um órgão para divulgar a ideologia e os projetos dos republicanos.

A segunda fase teve início em 1931, o jornal não se apresenta mais como órgão do Partido Republicano Catarinense, faz um discurso pró Partido Liberal, mas não se apresenta ainda como órgão do Partido Liberal Catarinense. Dirigido neste período por Nereu Ramos, que veio a se afastar quando da sua eleição para Assembleia Nacional Constituinte em 1933, em 1935 seria eleito governador e mantido como interventor por Getúlio Vargas logo após o golpe do Estado Novo.

Foi nesta segunda fase do jornal o período em que o nazismo esteve em maior evidência, eram constantes em suas páginas matérias que exaltavam a figura de Hitler, os feitos da Alemanha, a programação da rádio alemã para América do Sul, ressaltando os dias em que eram transmitidas em português. Mesmo antes dos nazistas e Hitler conseguirem a hegemonia do poder na Alemanha eram constantes as notícias que retratavam este processo de ascensão nazista.

A terceira fase teve início a partir de março de 1934 quando o jornal passou a se identificar como o órgão do Partido Liberal Catarinense. *República* teve suas atividades encerradas em 25 de dezembro de 1937, neste dia o editorial do jornal abria dizendo que encerrariam suas atividades, pois já tinham cumprido o seu papel, com o Estado Novo, uma nova etapa da vida brasileira se iniciava.

Nesta fase as notícias sobre Hitler e o nazismo foi perdendo força. O que permaneceu sendo divulgado foi programação da rádio alemã para América do Sul, que esteve presente semanalmente nas páginas de *República* até o jornal ser extinto. O que ganha força no jornal nesta nova fase foi o ataque constante do jornal aos integralistas, em especial a partir de 1936. Destacam-se aqui alguns editoriais que atacavam os integralistas: “Os integralistas acusados de tramarem contra o regime” (*República*, 30 de abril de 1936), “Em cheque o integralismo” (*República*, 17 de junho de 1936), “Ditaduras funestas” (*República*, 05 de janeiro de 1937), “Extremismo em clima impróprio” (*República*, 11 de fevereiro de 1937), “Despistamento integralista” (*República*, 14 de fevereiro de 1937).

Isto pode ser explicado devido ao grande crescimento do integralismo no estado que após as eleições municipais de 36 constituiu-se na segunda força política, o partido elegeu no pleito oito prefeitos e setenta e dois vereadores (GERTZ, 1987. ZANELATTO, 2012). Além destas vitórias que garantiu os prefeitos das maiores cidades do estado – Blumenau e Joinville, os integralistas empreenderam disputas acirradas em outros municípios sendo derrotadas por pequena margem de votos (ZANELATTO, 2012).

Referencias:

AMORIM, Aloizio Batista de. *Nazismo em Santa Catarina*. Florianópolis: Insular, 2000.

BERTONHA, João Fabio. *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.

CARNEIRO, J. Fernando. *Imigração e colonização no Brasil*. Rio de Janeiro: Faculdade Nacional de Filosofia, 1950.

CHAUÍ, Marilena. FRANCO, Maria S. Carvalho. *Ideologia e Mobilização popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

CERVO, Amado Luis. *As relações históricas entre o Brasil e a Itália: o papel da diplomacia*. Brasília: Ed. Da UnB: São Paulo: instituto Italiano di Cultura, 1992.

DOTTA, Renato Alencar. *O Integralismo e os trabalhadores: as relações entre a AIB, os sindicatos e os trabalhadores através do jornal Ação (1936-1938)*. São Paulo: FFLCH-USP, 2003. (Dissertação de Mestrado em História).

FALCÃO, Luiz Felipe. *Entre o ontem e o amanhã: diferença cultural, tensões sociais e separatismo em Santa Catarina no século XX*. Itajaí: Ed. da UNIVALLI, 2000.

GERTZ, René. *O fascismo no Sul do Brasil*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.



GERTZ, René. A construção de uma nova cidadania. In: MAUCH, Cláudia; e VASCONCELOS, Naira (Org.). *Os alemães no sul do Brasil: cultura, etnicidade e história*. Canoas: Ed. ULBRA, 1994.

MAGALHÃES, Marionilde. *Pangermanismo e nazismo: A trajetória alemã rumo ao Brasil*. Campinas: UNICAMP, 1998.

PERAZZO, Priscila Ferreira. *O perigo alemão e a repressão no Estado Novo*. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999.

SEITENFUS, Ricardo Antonio Silva. *O Brasil de Getúlio Vargas e a formação dos blocos: 1930-1940: o processo de envolvimento brasileiro na II Guerra Mundial*. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília INL. Fundação Nacional Pró-Memória, 1985.

SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e Identidade Étnica*. Florianópolis: FCC, 1981.

TRINDADE, Hégio. *O fascismo brasileiro na década de 30*. São Paulo: Difel; Porto Alegre: UFRGS, 1974.

TRENTO, Ângelo. *Do outro lado do Atlântico*. Tradução: Mariarosaria Fabris e Luiz Eduardo de Lima Brandão. São Paulo: Nobel, 1989.

ZANELATTO, João Henrique. De olho no poder: o integralismo e as disputas políticas em Santa Catarina na era Vargas. Criciúma, SC: EdiUNESC, EdIPUCRS, 2012

ZANELATTO, João Henrique. Anauê, Alvorada e Flama Verde: a imprensa integralista e as disputas pelo poder político em Santa Catarina. *Passagens. Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica* Rio de Janeiro: vol. 5, no.3, setembro-dezembro, 2013, p. 377-396.

Fontes consultadas:



Diário Oficial do Estado, 16 de julho de 1936, p. 19.

Diário Oficial do Estado de Santa Catarina, 16 de julho de 1936, p. 19.

Jornal Flama Verde

Jornal O Estado

Jornal República